

CARTAS A MARIA DA PENHA: CONCEPÇÕES COGNITIVO-DISCURSIVAS DA/SOBRE A MULHER CAPIXABA QUE SOFRE VIOLÊNCIA

Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo
Professora do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)
E-mail: jacimara.cardozo@ifes.edu.br

Patricia Teles Alvaro Salgado
Professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)
E-mail: patricia.teles@ifrj.edu.br

Resumo Esta pesquisa tem como objetivo fazer um mapeamento das concepções cognitivo-discursivas da mulher e sobre a mulher, a partir da investigação dos discursos produzidos na obra escrita por capixabas, a saber; “Cartas a Maria da Penha”, de autoria de mulheres do município de Vila Velha. Tem, para isso, como fundamento estudos acerca (i) da Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980, 1987), do *Frame* superficial e profundo de Lakoff (2004, 2006), (ii) da Análise crítica da metáfora de Charteris-Black (2005) a fim de mostrar a produtividade desse tropo como dispositivo cognitivo marcado na linguagem para se estruturarem e (iii) do Self no arcabouço teórico-epistemológico propositivo multidisciplinar (Salgado: 2024, Alvaro: 2017, 2018) da Linguística Cognitiva em Lakoff (2006), Lakoff e Johnson (1999); da Neurociência em Damásio (2000, 2011; 2022); de gênero em hooks (1994; 2021), Gonzales (1984), Morrison (2020) e filosófico-antropológicos em Arendt (1999) e Calligaris (2022). A partir desse escopo, podemos revelar construções concretas resultantes de experiências sensório-motoras e culturais e conceitos abstratos e complexos acerca do sofrimento atrelado à condição da mulher vítima de violência, bem como a influência do pensamento corporificado via metáfora nos comportamentos, crenças e atitudes femininas no contexto de violência doméstica e local, no Espírito Santo.

Palavras-chave: metáfora conceptual, misoginia, memórias sociais.

Abstract This research aims to map the cognitive-discursive conceptions of women and about women, based on the investigation of the discourses produced in the work written by Capixabas, namely; "Letters to Maria da Penha", authored by women from the municipality of Vila Velha. For this, it is based on studies about (i) the Conceptual Metaphor Theory of Lakoff and Johnson (1980, 1987), the superficial and deep Frame of Lakoff (2004, 2006), (ii) the Critical Analysis of the metaphor of Charteris-Black in order to show the productivity of this trope as a cognitive device marked in language to structure themselves and (iii) the Self in the multidisciplinary propositional theoretical-epistemological framework (Salgado: 2024, Alvaro: 2017, 2018) of Cognitive Linguistics in Lakoff (2006), Lakoff and Johnson (1999); Neuroscience in Damásio (2000, 2011; 2022); gender in hooks (1994; 2021), Gonzales (1984), Morrison (2020); and philosophical-anthropological in Arendt (1999) and Calligaris (2022). From this scope, we can reveal concrete constructions resulting from sensorimotor and cultural experiences and abstract and complex concepts about the suffering linked to the condition of women victims of violence, as well as the influence of embodied thinking via metaphor on female behaviors, beliefs, and attitudes in the context of domestic and local violence in Espírito Santo.

Keywords: conceptual metaphor, misogyny, social memories

Introdução:

Esta pesquisa é um recorte de uma análise piloto do projeto de iniciação científica do Instituto Federal do Espírito Santo intitulado “Metáfora à flor da pele: concepções cognitivo-discursivas da /sobre a mulher que sofre violência nos discursos de escritoras capixabas”, em parceria com o projeto do Instituto Federal do Rio de Janeiro, *Campus* Rio de Janeiro, intitulado “O Self cognitivo-afetivo-discursivo do ser mulher vítima de violência doméstica (VVD) na Cultura da misoginia: Identidade, Identidade e Imagem na mesclagem de memórias sociais e subjetivas”. Parte-se da perspectiva da Linguística Cognitiva recortada pela Teoria da Metáfora Conceptual, doravante TMC, de Lakoff e Johnson (1980), de alguns estudiosos que se fundamentam na visão epistemológica da mente corporificada, bem como da Análise crítica da metáfora, uma visão discursiva que se ramifica dos postulados da TMC. Parte-se do pressuposto de que a metáfora é o principal mecanismo cognitivo através do qual compreendemos conceitos abstratos e realizamos raciocínios abstratos. Esse tropo está infiltrado em nosso cotidiano e é por meio dele que podemos conceptualizar emoções e experiências ao tentar entendê-las, ou falar sobre elas. A metáfora aqui ganha uma dimensão cognitiva, ou seja, é da natureza do pensamento, e, portanto, marcada na linguagem. Ela também é cultural, pois reflete a visão de mundo de um grupo, uma sociedade. A metáfora não se limita a apenas uma forma de pensar e, assim, conceptualizar algo, mas também influencia na forma de agir do ser humano.

A obra literária *Cartas a Maria da Penha* é uma materialidade linguística que corporifica formas singulares de lidar com a violência no estado. Outrossim, as mulheres que se dispuseram a escrever e a publicar seus escritos possuem visões de mundo, ideologias, crenças, visão ética e moral diversas. Diante disso, pelo olhar cognitivo, recortado pela metáfora conceptual, é possível fazer um levantamento de como são conceituadas as experiências, as emoções e a própria consciência de ser mulher, tanto a mulher que sofre a violência diretamente, quanto a mulher que precisa atender uma ocorrência cuja vítima também é mulher. Pelo olhar discursivo, é possível investigar quem são as mulheres-autoras-militantes que escrevem, para quem escrevem e com que propósito. Diante disso, importa observar manifestações do *Self* do ser mulher vítima de violência doméstica nas escolhas linguísticas e direcionamentos de metáforas e/ou *frames* como recursos cognitivo-discursivos para o processo de persuasão. Nota-se que a obra “*Cartas a Maria da Penha*” possui um fundo argumentativo inclinado à Leia Maria da Penha e a seu funcionamento na sociedade. Isso abre caminhos para investigar, pelo processo de construção linguística, os efeitos de sentido possíveis das narrativas tendo em vista o leitor presumido que cada obra pretende alcançar.

Diante disso, esse projeto de pesquisa analisa, cognitivo-discursivamente, as narrativas, em forma de cartas, da obra *Cartas a Maria da Penha* via metáfora conceptual e manifestações do *Self* do ser mulher VVD em diálogo com a investigação discursiva acerca da orientação linguística mediante leitor presumido segundo o propósito argumentativo de cada obra; tendo como base Cardozo (2024) sobre as metáforas conceptuais de guerra e de caminho e frames no propósito discursivo do texto, bem como as metáforas conceptuais e a gestão das emoções e estudos de Salgado (2018, 2023, 2024) e Alvaro (2017). Também tem como fundamento teórico as contribuições de Charteris-Black, pela Análise Crítica da Metáfora e Zoltán Kövecses, a partir da relação entre metáforas e emoções. E, das acepções acerca do *Self* em Lakoff, Lakoff e Johnson e Damásio, seguindo proposta teórico-metodológica multidisciplinar com hooks, Arendt, Gonzales, Morrison, Calligaris, conforme Alvaro: 2017 e Salgado: 2018, 2023, 2024.

Dessa forma, define-se como objetivo geral da pesquisa investigar como a experiência

dupla de sofrer violência e de ser mulher é conceptualizada pelos escritos produzidos por essas vítimas via análise cognitivo-discursiva de veículos metafóricos e manifestações do *Self* do ser mulher. Para isso, os seguintes objetivos específicos serão estabelecidos: i- fazer um mapeamento das metáforas conceptuais usadas para conceptualizar a experiência da violência de modo geral bem como sua relação com a tomada de decisão da mulher referente à saída desse estado de sofrimento; ii- Mapear possíveis manifestações do *Self* do ser mulher.

De igual modo, a publicação de narrativas em contexto mais restrito, local, como em Cariacica e Vila Velha, pode apresentar-se como um rico *corpus* inédito gerador de peculiares resultados de análise diferentes de uma obra literária clássica de repercussão nacional, por exemplo. Isso poderá servir de material didático para o trabalho em sala de aula para os que hoje cursam a graduação em letras aqui no estado e serão futuros professores de bairros da região da grande Vitória, por exemplo.

Fundamentação teórica:

Este projeto de pesquisa parte do princípio da corporificação da mente, mediante a perspectiva empirista da Linguística Cognitiva no recorte da Teoria da Metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (1980) e de estudiosos que se ramificaram a partir dessa teoria, tanto para o trato dos frames superficiais e profundos, com Lakoff (2004) e para a metáfora e as emoções, com Kovecses (2000), quanto para a Análise Crítica da Metáfora, com Charteris Black(2005).

Desde Aristóteles, a metáfora já não era vista apenas como “mero ornamento do discurso”, mas o filósofo já lhe atribuíra uma “função cognitiva” (Eco, 2013, p. 71). Com a Linguística Cognitiva, a cognição e a realidade são pensadas em uma ancoragem corporal. Desse modo, o corpo, por sua vez, é tão importante que não só delimita a experiência, mas também estrutura a cognição (Ferrari, 2011, p.21). É nesse pensar que se firma a Teoria da Metáfora Conceptual. A metáfora, como construção de pensamento, mostra-se como a transferência de um domínio fonte, mais concreto, mais familiar e fonte de nossas experiências sensório-motoras e até culturais; para um domínio-alvo, uma dimensão mais abstrata, complexa, não familiar e que requer nossa conceptualização.

Metaforar, nessas circunstâncias, é pensar algo em termos de outro e é na linguagem que se mostram as evidências de como pensamos e agimos bem como de como se estrutura nosso sistema conceptual. “As metáforas podem criar realidades para nós, especialmente realidades sociais. Uma metáfora pode, portanto, ser um guia para ações futuras. Tais ações, é claro, se enquadrarão na metáfora” (Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 156). Quando fazemos a transposição entre domínios (fonte para alvo) estamos lidando com dimensões da experiência que vivenciamos e esta possui estruturas multidimensionais e são elas que caracterizam a “gestalts EXPERIENCIAIS que são maneiras de organizar as experiências em blocos estruturados” (Lakoff; Johnson, 2002[1980], p. 158).

Em uma situação de violência, a experiência pode ser conceptualizada, por exemplo, via metáforas relacionadas a um caminho, a um movimento para frente, a um evento. O movimento para frente como símbolo de sucesso também é estudado por Goatly (2007) e pode ser relacionado ao esquema de imagem de PERCURSO. Assim, mover-se significa acontecer, ou seja, começar a trabalhar, agir e, conseqüentemente, a atividade e o processo são vistos como movimentos para a frente: ACTIVITY or PROCESS IS MOVEMENT FORWARDS (Goatly, 2007, p. 51). Lakoff (1994, p. 59) apresenta pontos para o mapeamento da metáfora conceptual VIDA É UMA JORNADA. A partir dela, são

coerentes construções como “estados são locais, regiões limitadas no espaço”, portanto, é possível “sair” de uma depressão, “entrar” um ciclo de violência. De igual modo, os propósitos são destinos a que se deve chegar, por exemplo em uma situação de tentativa de mudança. As dificuldades podem ser impedimentos, obstáculos no caminho, os meios são os próprios caminhos a serem percorridos, dentre outros desdobramentos.

As metáforas já são dispositivos de análise de narrativas de mulheres que sofreram violência. Carneiro (2014), com base na metáfora sistemática, pelo aspecto discursivo, identificou, nas falas de mulheres que participaram da experiência de um grupo focal criado para a pesquisa, metáforas como MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA; MUDAR É SAIR DE UM LUGAR; VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL; MULHER É OBJETO DE VALOR. Alvaro (2017) analisa relatos de mulheres vítimas de violência doméstica à luz das contribuições de Lakoff e Johnson, entre outros autores da semântica cognitiva, com foco na investigação acerca de questões relativas ao ponto de vista e à subjetividade na construção do self nos relatos femininos, mais especificamente em Lakoff (1999) e a relação entre o *subject* e *self*. Segundo a autora, com base em Lakoff, “nossa conceptualização de self é fundamentalmente metafórica” e “esse processo está profundamente enraizado no nosso sistema conceptual inconsciente”. Destaca-se aqui como um dos resultados de análise a identificação de um relato em que a mulher projetou em si os valores de seu marido, passando, inclusive a pensar o mesmo que o marido pensava sobre ela (Alvaro, 2017, p. 2331).

A metáfora conceptual não é um fenômeno do pensamento marcado na linguagem de forma isolada. Os *frames* também podem coexistir e contribuir para a construção de visões de mundo por meio de enquadramentos que podem ser acionados pela linguagem. Nessa perspectiva, Lakoff (2004) apresenta a relação entre *frame* superficial e profundo. Segundo o autor, tratam-se de dois mecanismos de caráter persuasivo voltados à construção da argumentação. O *frame* profundo é criado com o tempo, com a repetição. O *frame* superficial só possui eficiência se estiver ancorado no *frame* profundo. Os *frames* profundos estão relacionados a nossos valores morais, éticos, ideológicos e são usados para entender fatos e acontecimentos no mundo. Assim, “*frames* são estruturas mentais que moldam a maneira como vemos o mundo. Como resultado eles moldam as metas que buscamos, os planos que fazemos, a maneira como agimos, o que conta como um resultado bom ou ruim de nossas ações”. Ele ainda acrescenta que “mudar nossos *frames* é mudar tudo isso. Reframing é mudança social” (Lakoff, 2014, xii). Isso acontece porque as palavras vêm com molduras de superfície. “Esses quadros de superfície, por sua vez, se prendem e ativam quadros profundos. Quando repetido e mais, as palavras reforçam quadros profundos, fortalecendo as conexões neurais em ouvintes” (Lakoff, 2006, p. 23). Desse modo, se estamos em uma guerra, e o elemento “vitória” pode ser perspectivado, logo, sabe-se que é necessário alguém para lutar, alguém para vencer, alguém para perder e um evento da guerra, uma batalha. Isso é muito produtivo quando a situação de violência contra a mulher é perspectivada como uma guerra.

Em extensão às contribuições iniciais de Lakoff e Johnson (1980), Kövecses (2000) desenvolveu conceitos sobre linguagem e emoção, estruturados pelo mapeamento conceptual da metáfora EMOÇÃO É FORÇA e possíveis desdobramentos, tais como: EMOÇÃO É DOENÇA, EMOÇÃO É CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE e assim as derivações como RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE, porque podemos “ferver de raiva”, ou estar na iminência de “explodir de raiva. O autor, em sua pesquisa, encontrou uma diversidade de domínios-fontes para se conceptualizar emoções como raiva, amor, medo, nos falantes do inglês. São eles: FLUIDO QUENTE, FOGO, ANIMAL PERIGOSO, Oponente, CARGA, FORÇA NATURAL, SOCIAL SUPERIOR (Kövecses, 2000, p.16).

Concordando com outros estudiosos e críticos da Teoria da Metáfora Conceptual, entendemos que não se pode limitar os estudos apenas pela dimensão cognitiva da metáfora. Pela perspectiva da mediação sociocognitiva da Análise do discurso crítica (ADC), Fairclough (2016) apresenta a metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (1980) e defende, nessa anuência cognitivo-discursiva da metáfora, o poder de escolha de uma metáfora e não outra, dada suas potencialidades persuasivas para estruturar como pensamos, construímos nossa realidade e como agimos. Isso acontece porque o que dizemos e o que escrevemos está ancorado em uma mediação cognitiva. Para o autor, com base em Chilton (1988), a militarização do discurso é também militarização do pensamento e da prática social.

É nesse pensar que Charteris-Black(2004) propõe a Análise Crítica da Metáfora. Para o autor, a metáfora é constituída de camadas investigativas que vão da mais superficial, linguística, passando pela construção do sentido, a semântica até a pragmática, com foco no uso, na escolha do falante a partir do arcabouço de linguagem que possui, segundo sua intencionalidade discursiva. Para o autor, “a metáfora só pode ser explicada considerando a interdependência de suas dimensões semântica, pragmática e cognitiva”(Charteris-Black, 2004, p.3). A grande contribuição do autor para o estudo crítico da metáfora é justamente pela possibilidade de, pelo seu uso, a metáfora esconder sua função persuasiva e nem sempre ser “imediatamente transparente”. É esse fato que desperta a necessidade de desenvolver a “consciência crítica da linguagem, isto é, uma consciência de como uma função persuasiva subjacente à escolha de determinadas palavras influencia as interpretações feitas por receptores de texto” (Charteris- Black, 2004, p.9).

Para isso é importante diferenciar a metáfora literária, aquela que é facilmente identificada uma vez que se trata de um trabalho ornamentado da linguagem, é mais transparente; da metáfora conceptual, mais cristalizada na língua e, portanto, menos perceptível. Desse modo, o que é poderoso como metáfora (ativo e original) torna-se assim mais perceptível e discutível e, portanto, relativamente impotente ideologicamente. “O que é relativamente impotente como metáfora (inativo ou morto) – o literal ou convencionalmente metafórico – torna-se ainda mais poderoso ideologicamente por meio de seu funcionamento oculto. Lakoff chama essas metáforas convencionais” (Goatly, 2007, p. 29).

Além das pesquisas e obras já mencionadas, fundamenta-se, acima de tudo, na obra do original em inglês “Metaphors we live by” de Lakoff e Johnson (1980) e sua tradução feita pelo Grupo de estudos de Indeterminação da Metáfora (GEIM) em 2002 com o título Metáforas da vida cotidiana. Quanto às contribuições sobre a metáfora via análise discursiva, destacam-se os trabalhos de Charteris-Black (2004, 2005), a saber: “Politicians and Rhetoric”; “Corpus approaches to critical metaphor analysis”. É importante ressaltar que grande parte das obras referentes à Teoria da metáfora conceptual, suas ramificações, e aos frames (a partir de Lakoff) não são traduzidas para o português. Diante disso, nossa tese contribui de forma a trazer trechos traduzidos bem como a tecer explicações básicas sobre os conceitos de frame presente nas obras de Lakoff (1987, 2004, 2006, 2014), como “Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the Mind”; Thinking Points: Communicating Our American Values and Vision” e “Don’t Think of an Elephant: know your values and frame the debate”. Além disso, outros teóricos poderão contribuir acerca dos estudos da metáfora conceptual, a saber Semino (2008), com a obra “Metaphor in Discourse”; Gibbs (2017) com a obra Metaphor Wars: Conceptual Metaphors in human life, Goatly(2007) com a obra “Metaphor and ideology”, dentre outros.

Desenvolvimento do tema:

A proposta dessa pesquisa possui como pontos fortes e possíveis oportunidades: i) possibilitar, pelos entremeios da linguagem e cognição, o despertar da consciência investigadora sobre como moldamos nossa visão de mundo e como conceptualizamos experiências de violência via metáfora conceptual, corporificada nas narrativas de mulheres capixabas, e como isso influencia no pensar e agir da mulher, com base no referencial teórico da Linguística Cognitiva pela Teoria da Metáfora Conceptual. ii) Promover reflexão sobre como os estudos linguísticos, via cognição e discurso, podem contribuir para a construção de dispositivos de análise de conhecimento e de autoconhecimento da mulher no contexto da violência, e, assim, proporcionar reflexões para futuros professores que precisam trabalhar esse tema em sala de aula, atrelando interpretação de texto à riqueza que a metáfora conceptual pode trazer aos estudos linguísticos, desconstruindo, portanto, seu limitado lugar poético e intocável enquanto simples figura de linguagem. iii) Iluminar o lugar social da mulher capixaba que escreve militante contra a violência a seu grupo e assim fornecer subsídios teórico-metodológicos para novas possibilidades de pesquisa sobre a esfera de recepção e de circulação dessas obras em bairros e municípios do nosso estado. Investigar, assim, eventos promotores de reflexão, como roda de conversa, clubes de leitura, projetos didáticos, por exemplo, que viabilizem a luta contra esse mal da saúde pública. iv) Propiciar elucidação descritiva sobre as manifestações do Self do ser mulher vítima de violência doméstica, o que pode servir como base para ações e/ou reflexões voltadas para a formação cognitiva e afetiva de tomada de consciência (Damásio, 2011) e protagonismo e empoderamento de mulheres para o desmantelamento da violência do poder de dominação exploratória da cultura de misoginia.

A obra objeto de análise deste artigo, intitulada *Cartas a Maria da Penha*, foi publicada em 2022, pela coordenação editorial de Neusa Maria Jordem Almaça Possatti e pela Editora Jordem, em Vitória, Espírito Santo. Trata-se de uma construção coletiva é uma escrita por várias mulheres vítimas de violência. Prefaciada pela então deputada estadual do PT/ES Iriny Lopes, a obra apresenta narrativas de mulheres da região de Vila Velha conhecida como Terra Vermelha, que mostram “não só as agressões, mas a virada que muitas mulheres deram a partir da Lei Maria da Penha”, afirma Lopes (2022). A obra é dividida em capítulos cujos títulos são nomes fictícios de mulheres e a cada nome, uma narrativa. Há uma interlocutora e destinatária da carta, a própria Maria da Penha. Porém esse objetivo primeiro se estende para as potenciais leitoras da obra.

Como resultado do mapeamento das metáforas conceptuais realizado por meio dos veículos metafóricos, foram encontradas ¹11 metáforas, a saber: RELACIONAMENTO AFETIVO É GUERRA, A EXECUÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA É UMA VIAGEM, SOBREVIVER À VIOLÊNCIA É ESCREVER UMA HISTÓRIA MANUSCRITA, LEI MARIA DA PENHA É SER ANIMADO, VIOLENTAR É ENSINAR/CORRIGIR, ABUSAR É LEGITIMAR UMA PUNIÇÃO DE UM CRIME, RELACIONAMENTO ABUSIVO É CONTABILIDADE MORAL, RELACIONAMENTO ABUSIVO É PESO, SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA/ SENTIMENTOS É LUGAR E MULHER É ANIMAL A SER DOMADO.

A metáfora com mais produtividade em veículos metafóricos foi RELACIONAMENTO AFETIVO É GUERRA. O domínio-fonte GUERRA foi perspectivado inicialmente pelo grito de guerra, com o veículo metafórico “é hora de ir à guerra” (p. 73). Depois observou-se o inimigo que se apresentou como a violência (p.5 e p.27). Nessa construção, a violência é algo a ser enfrentado, é algoz/entorpecente que deixa a família dependente e ainda é um inimigo que ronda, acompanha seu agonista. Já os soldados foram perspectivados

¹ Para ter acesso ao quadro com todas as metáforas conceptuais encontradas bem como o mapeamento da divisão entre domínio-fonte, domínio-alvo e veículo metafóricos, acesse o link: https://drive.google.com/file/d/14pN46eUN9ChLZhLGreATcUZAA-8zU2sl/view?usp=drive_link

como as próprias feministas, com foco em suas forças. Também a própria mulher também foi vista como soldado com foco em sua força e coragem. Há também a perspectivação dos agonistas, seres que estão no campo de batalha sofrendo a ação do inimigo. A própria relação entre vítima e abusador, o namoro, foi visto como um ser que sofre e que precisava ser defendido. Nessa guerra, a vitória e as conquistas foram domínios-fonte para o surgimento do registro de denúncias e a busca por políticas pública, respectivamente. Há também nessa guerra um herói, perspectivado em uma entidade espiritual, Deus. É o guerreiro que defende a mulher e a respeita. Há ainda baixas da guerra, ou seja, o feminicídio materializado pelo “sangue jorrando”. A palavra “luta”, mais cristalizada na língua, também foi muito produtiva e perspectivou as situações do cotidiano da mulher vítima de violência. Por fim, as vencedoras da guerra foram perspectivadas como as próprias leitoras da carta. Interessante observar que os destinatários das cartas são variados, porém a carta foi o gênero discursivo escolhido como instrumento para o leitor, a leitora mulher. Ser a vencedora/leitora da GUERRA DO RELACIONAMENTO AFETIVO ABUSIVO é ler e fazer parte das histórias narradas com a inclinação para potenciais mudanças nos desfechos desses dramas. A leitora é também guerreira, faz também parte da história contada.

A escrita das cartas também ganha a dimensão metafórica para a vida perspectivada como uma história a ser narrada. Julgamos aqui a origem da metáfora A VIDA É UM LIVRO. Para o desenvolvimento dessa metáfora, encontramos SOBREVIVER A VIOLÊNCIA É ESCREVER UMA HISTÓRIA MANUSCRITA. Nessa história a mulher foi um domínio-alvo usado para alguns domínios-fonte: é a protagonista da história, é o próprio conteúdo escrito vulnerável ao escritor que pode apagá-la. Nesse caso o escritor é o próprio abusador, é o que domina a vida, os desejos, a rotina da mulher e, portanto, ganha esse poder de apagá-la. Nessa história há coautoria. Trata-se da mulher que se apresenta como aquela que quer mudar a situação de violência e, para entender essa situação complexa, nada melhor do que compreender em termos de “escrever um novo fim”. Isso mostra o despertar da consciência de que a mulher pode reverter a situação, é pensar em criar novos espaços de esperança e de renovação.

Há uma metáfora que reflete bem a visão do abusador que invade o sistema conceitual da mulher a fim de convencê-la de que o abuso é legítimo. A metáfora VIOLENTAR É ENSINAR/CORRIGIR. Nessa construção, o abusador passa a ser o pai ou professor. A mulher, a aluna ou filha, passa por processos de ensino-aprendizagem com a visão de “formar” a mulher ideal para esse pai e professor abusador. Essa mulher ideal é “esvaziada” de si e “preenchida” de todas as crenças, desejos e visões de seu abusador. A mulher aqui é vista novamente de forma metafórica, em termos de “container”. Esse pai-professor-abusador se utiliza da tendência pedagógica do terror e ensina a lição de que as cenas de violência são punições legítimas a uma filha/aluna/criminosa que merece tal punição. Desse modo, nessa pedagogia alienante, a concretização da aprendizagem se daria em nome do “bem do relacionamento” entre vítima e abusador.

Ainda pelo olhar do abusador outro domínio-fonte é recrutado para se compreender e justificar as agressões. Trata-se da metáfora RELACIONAMENTO ABUSIVO É DÍVIDA. Desse modo, os veículos metafóricos identificados mostram uma espécie de “contabilidade moral”, ela ocorre quanto associam os domínios das finanças ao crime e à punição. Isso já foi apresentado por Lakoff (2002) e Charteris-Black (2005). Trata-se de um recurso discursivo-cognitivo muito usado no discurso político para legitimar ações. Isso acontece porque as “metáforas de crime e punição estão enraizadas na noção de legalidade e no mito de inocência e culpa que está implícito na metáfora da contabilidade moral” (Charteris-Black, 2005, p. 275). Para Lakoff, “crime e punição são fundamentais para a metáfora da contabilidade moral e legitimação ética [...]”. Desse modo, a punição vem da desobediência de uma autoridade legítima, ou ainda quando se tira algo positivo de alguém. É possível tentarmos entender uma situação complexa,

ou justificar uma ação, em termos do grande domínio da dívida. No caso da obra em análise foi possível perceber que a própria mulher foi perspectivada como a credora, a que “dá o seu melhor”. Ao mesmo tempo, é a mulher que “paga um preço alto” para outras mulheres ficarem vivas, sendo, portanto, uma fiadora da dívida. Essa fiadora foi apresentada como a própria Maria da Penha, mulher da lei. O homem abusador foi visto como o devedor, pois o agressor precisa “pagar” pelo crime. É o agressor que tira da mulher o elemento de valor, a sua vida, seus sonhos, anseios, seu *subjects*. Por outro lado, a mulher também é perspectivada como devedora quando se refere à gratidão às pessoas que a ajudaram, por isso que ela “deve” a essas pessoas. Nesse caso, não se trata de algo valiosos roubado, mas sim de uma recompensa, uma dívida por uma boa ação feita, a lei da compensação. Disso decorre a metáfora ABUSAR É LEGITIMAR UMA PUNIÇÃO DE UM CRIME. Nesse cenário cognitivo-discursivo o abusador toma para si a função de “juiz” que julga e delega punições para sua vítima. Assim, a mulher é a criminosa, pois “merece ser punida”, o homem é a autoridade executora da punição, o crime é uma interpretação criada pelo abusador sobre a atitude ou possíveis atitudes e ações da mulher-criminosa, como, por exemplo, as suspeitas de adultério que desencadeiam crises de ciúmes. É muito comum, nessa narrativa da vida real, observar falas cotidianas como “veja o que você me obrigou a fazer”. Para completar o quadro da punição, acontecem as agressões como justificativa do encargo que o abusador toma para si de executar a punição à criminosa.

Outrossim, a compreensão da vida, da execução de uma lei e da situação de vulnerabilidade e de violência podem ser entendidas em termos de viagem. Isso vem da grande metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM. Essa viagem apareceu por meio de veículos que perspectivaram, por exemplo, o fim de uma estrada (túnel) para compreender a complexidade da iniciativa da mulher tomar uma atitude radical. A luz no fim do túnel passa a ser um símbolo de esperança. Nessa viagem da vida, a mulher precisa “seguir em frente” quando decide separar-se do abusador, ou ainda avançar, subir os “morros” do percurso da viagem da vida, quando decide ajudar a outras mulheres. Assim, partindo dessa metáfora principal, tem-se a metáfora A EXECUÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA É UMA VIAGEM. Nessa especificação da metáfora, a partida, fica por conta das iniciativas para a primeira denúncia. É o primeiro passo. Assim, a viajante-mulher-vítima percorre estradas sinuosas, uma forma de entender os perigos pelos quais passa uma mulher na sociedade. O destino dessa viagem, por sua vez, é a igualdade de gênero e o direito à vida sem violência. O percurso é a própria autovalorização da mulher, seu reconhecimento de que pode reverter sua situação.

Há ainda duas metáforas que nos remete às nossas experiências sensório-motoras e, portanto, atingem, no mais profundo, reverberações de como pensamos e experienciamos as situações. Trata-se da metáfora SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA/SENTIMENTO É LUGAR. Nessa perspectiva, há sempre uma intenção para sair de um estado, algo que é abstrato, mas é visto em termos de um lugar concreto onde se entra ou sai. Dessa forma, tomar uma decisão é “sair da situação” ou “sair da bolha”. De igual modo, ficar no comodismo é permanecer no lugar-situação de violência. Isso se propaga para entendermos a complexidade do estado de espírito da mulher, quando “entra” em depressão, por exemplo. Ainda assim, a própria depressão é vista como um SER SOCIAL SUPERIOR, ou uma FORÇA FÍSICA que vem “tão forte” e desencadeia consequências no corpo da mulher. Isso é veículo metafórico para metáfora EMOÇÃO É FORÇA, proposta por Kovecses (2000). Nesse pensar, atrela-se nossa experiência corpórea de suportar um peso. Assim, transferimos toda nossa experiência de carregar um peso, no seu caráter físico, para entender a complexidade da vida e tentar entendê-la como um peso. Por isso que foi possível verificar o veículo metafórico “suportando essa vida”, ou ainda “o fardo que nós mulheres temos que carregar”.

Para finalizar a reflexão sobre os veículos metafóricos encontrados, uma metáfora mais transparente marcou muito a visão que o abusador tem da mulher, sua vítima. Trata-se da metáfora MULHER É ANIMAL BRABO A SER DOMADO. Essa metáfora serviu e serve como dispositivo de legitimação para as agressões e, inclusive, para a própria mulher se convencer de que é necessário ser agredida, pois precisa ser “domada”. A seguir, apresentamos o quadro resumo com as metáforas conceptuais, seus respectivos veículos metafóricos e o mapeamento da transferência interdominial (domínio-fonte e domínio-alvo).

Após observarmos como as metáforas conceptuais evidenciam pensamentos capazes de criar e reforçar o ciclo de violência contra a mulher, é preciso identificar também marcas linguísticas que corporificam o desejo das autoras das cartas por espaços de esperança, por desejo de um futuro melhor, ou ainda pela busca por espaços de renovação, espaços que definem uma mudança específica, em que é possível comparar o antes e o depois dessas mulheres-escritoras.

Primeiramente, foi possível observar trechos cuja autora se inclina para o desejo de uma transformação por meio da memória, da educação e da luta. Quando afirma que: “a memória, a educação e a luta é que nos permitem, de forma coletiva, transformar o país (Possatti, 2022, p.6). Há trechos que já mostram o autoreconhecimento da mulher e sua autovalorização quando desperta sua consciência de que ela merece algo melhor. É a tomada de consciência da situação em que se encontra e do potencial que possui para agir a seu favor (Damásio, 2011). É muito comum nessas situações da escrita as autoras usarem a expressão e seus derivados “colocar um basta”. É o que se observa no trecho:

[...] “eu **coloquei um basta nisso** e até hoje eu digo para mim mesma. Eu **mereço o melhor**. Eu **quero muito mais** do que o básico, quero mais, pois eu sempre dou o melhor, por que, na hora de receber, eu tenho que me contentar com migalhas? [...] eu **posso**, eu **consigo** muito mais carinho, amor, atenção, respeito, lealdade, companherismo. (Possatti, 2022, p. 8- grifo nosso)

Há um outro momento de escrita importante que mostra a mulher “tentando se reerguer”. Nessa conjuntura, o acusador “derruba” moralmente a vítima. Tentar se reerguer veicula uma visão metafórica da dinâmica de forças. Assim, trata-se da busca por “estar de pé”. Esse estar de pé metafórico significa “ter forças morais”, estar moralmente equilibrada. Esse é o espaço de esperança em constante tentativa no processo de uma espécie de reestabelecimento humano. Acerca disso, há uma autora que afirma: “resolvi dar um basta naquela situação, depois de ver uma traição dele na frente da minha casa. Hoje estou tentando me reerguer. Flor de Lótus (Possatti, 2022, p.14). Trata-se das últimas palavras de uma das cartas. Observe a última expressão escrita: Flor de Lótus. Refere-se a uma flor símbolo de pureza e elevação espiritual muito relacionada à doutrina budista. A flor imaculada que nasce em meio ao lodo, a sujeira. Importante relacionar a traição do marido ao lodo e sujeira. Dessa forma, nasce a flor de Lótus, purificada sem as marcas do seu abusador.

Outra busca por espaços de renovação está no trecho: “gostaria de dizer que a vida é bela. O que estraga é a falta de respeito para com o próximo” (Possatti, 2022, p.84). Trata-se de um sentimento de gratidão pela beleza da própria existência, algo tão valioso que o abusador tira de sua vítima e é preciso resgatar. Nesse pensamento positivo por espaços de esperanças, ficou marcado o trecho de um sonho profissional de uma jovem autora. Ela disse:

Quando for juíza, vou fazer justiça por cada mulher porque, mesmo

tendo 15 anos, tenho sede de fazer justiça e de defender a quem precisa. Não se cale, sua voz é muito importante. Se você conhece alguém ou se você sofre violência doméstica, não deixe de denunciar no 181, não se cale! Sua voz tem poder. (Possatti, 2022, p. 73)

Nota-se que o espaço de esperança se dá pela sede de justiça, de ser juíza. O espaço de renovação se estende justamente para garantir a defesa de quem hoje é vítima. Além disso, é possível notar o reconhecimento coletivo de empoderamento que se alastra pelo instrumento metafórico da voz que abre espaço por meio da denúncia ao agressor. A esse reconhecimento da força coletiva que exala o desejo pelo espaço de esperança, de conseguir se mostrar ao mundo e aflorar a positividade da existência da mulher no mundo, soma-se a seguinte fala: Não devemos desistir de lutar, é hora de ir à guerra!! Não vamos nos calar, somos fortes e poderosas, somos tudo.[...] vou mostrar e provar que sou forte e guerreira, que sei o que quero, e o que quero é não ter medo de andar sozinha, de me calar. (Possatti, 2022, p. 73)

É ainda possível observar casos pontuais de espaço de renovação com apresentação do reconhecimento da mudança. Aqui a mulher nutre o reconhecimento de que viver sozinha é melhor. É algo bom. A autora afirma: “eu resolvi me separar independente das consequências e, hoje, vivo melhor sozinha” (Possatti, 2022, p. 63). Há ainda outro espaço de renovação e mudança muito significativo. Trata-se da mulher que foi responsável por criar espaços de alteridade, de ajudar o próximo, de criar e realizar projetos. Como é o caso da seguinte fala: “hoje, ajudo as pessoas em situações de vulnerabilidade, fundei um projeto muito importante para mim, “vidas e valores”. Me sinto empoderada, ajudando pessoas em situação de rua, mães de família em situação de violência doméstica (Possatti, 2022, p. 53). Interessante notar que o empoderamento aqui não se trata de um poder para mandar sobre o outro, mas sim para ajudar pessoas.

Esta investigação está estruturada em três dimensões: a metáfora conceitual, o self do ser mulher vítima de violência e a produção discursiva da obra *Cartas a Maria da Penha*. Após apresentados os resultados das duas primeiras dimensões, resta agora refletir sobre as condições de produção das cartas que, por sua vez, também são discurso. Primeiramente, é fundamental pontuar que o gênero discursivo carta adotado na obra, entendemos, trata-se de uma manobra discursiva para, por meio de uma ficção necessária, a partir dos nomes fictícios das autoras, trazer mensagens de alerta e de incentivo a outras mulheres no propósito de fazer valer a Lei Maria da Penha. Nesse sentido, a obra também possui sua carga ideológica na medida em que apresenta a importância da lei, suas potencialidades e sua necessidade. O discurso é uma materialidade da ideologia e é produzido por um sujeito. Aqui está em jogo a categoria sujeito MULHER-VÍTIMA-DE-VIOLÊNCIA e a categoria sujeito HOMEM-ABUSADOR. Isso é um discurso que existe para combater um contradiscurso, uma contrapalavra, o discurso de que a lei foi construída com base em mentiras, ou seja, que a própria história da ²Maria da Penha é uma grande farsa, que a sua denúncia foi um arranjo político de conveniências. Esses discursos emanam da categoria HOMEM-AGRESSOR, aqui colocamos em evidência não só agressores efetivamente, mas simpatizantes políticos de direita que generalizam fatos e realidades apontando a Lei Maria da Penha como mais uma artimanha da esquerda política do Brasil. Há nessa formação discursiva ainda vozes que apontam a mulher como uma interesseira que se aproveita da lei para “destruir” o homem. Essas são as vozes sociais que tentam silenciar as vozes de mulheres que morrem ou são vítimas de todos os tipos de violência neste país.

² Acerca do discurso da história da Maria da Penha e de sua possível “farsa”, assista ao documentário Agressor de Maria da Penha é inocente no canal Ventura em Cortes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nM7rhdZvZ8A>

Sabemos que as metáforas conceituais, pela sua materialidade linguística e profundidade cognitiva, principalmente pelo seu caráter predominante inconsciente do falante para construir e do ouvinte para perceber, são mais poderosas para a introjeção de ideologias, pois regem conteúdos e pensamentos ocultos, como nos afirma Goatly (2007). Entendemos aqui que a ideologia em jogo parte de uma formação cultural e uma memória social acerca de como a mulher é tratada por uma ótica machista, patriarcal, colonial que marcou a história do Brasil, um país que já iniciou sua formação tratando o ser humano escravizado como propriedade privada, coisa a ser vendida e isso se reverberou sobre como tratar e domar a mulher que não age da forma como o homem quer. Da mulher que não deixa seu corpo ser “docilizado” para uma sociedade que não a vê como um ser de existência própria na potência da construção do seu self e não do seu esvaziamento e seu preenchimento a partir do self de seu abusador.

Conclusões ou considerações finais:

As considerações finais desta pesquisa limitam-se aos resultados desta análise piloto recortada da obra *Cartas a Maria da Penha*. Esse estudo realizado servirá de subsídio teórico-metodológico para os alunos de graduação que participarão do projeto de pesquisa de iniciação científica do Instituto Federal do Espírito Santo. Tomamos como ponto de partida o objetivo de investigar como a experiência dupla de sofrer violência e de ser mulher é conceptualizada pelos escritos produzidos pelas autoras das *Cartas a Maria da Penha* via análise cognitivo-discursiva de veículos metafóricos e manifestações do *Self* do ser mulher. Na sequência, fizemos o mapeamento metafórico por meio de uma leitura atenta aos trechos da obra que evidenciavam veículos metafóricos. Apresentados os veículos, produzimos o quadro com as metáfora conceituais, mostrando o domínio-fonte o domínio-alvo e o veículo que instancia a metáfora. Esses trechos constituíram o *corpus* de análise para reflexão cognitivo-discursiva apresentada. Em um segundo momento, fizemos uma segunda leitura da obra em busca de trechos que apresentassem indícios de desejos das autoras por novos espaços de renovação e de esperança diante dos espaços comprimidos que viveram com seus abusadores. Mediante os resultados dos trechos encontrados, tecemos discussões acerca do self do ser mulher vítima de violência passível de ser investigado nos escritos epistolares selecionados como *corpus*.

Sendo assim, este trabalho buscou investigar as concepções cognitivas, pois analisou o discurso via metáfora conceptual e discursivas, pois levou em consideração as condições de produção e de circulação da obra em análise, a formação ideológica em evidência bem como as categorias de sujeito e o conflito de vozes sociais tecidas nas falas das autoras. Tratou-se também das concepções da mulher, ou seja, que emanada dela, pela própria expressão da autora sobre como ela se vê no mundo e, por meio da própria escrita delas, as concepções de seus abusadores, por isso a concepção “sobre” a mulher, diante das falas de seus “companheiros” apresentadas pelas autoras.

Referências

ALVARO, Patricia Teles. **Self e o ponto de vista na linguagem da violência de gênero**: uma análise semântico-cognitiva de relatos femininos em 1ª pessoa. Cadernos do CNLF, vol. XXI, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2017.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jersusalém**. Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CALLIGARIS, Contardo. O grupo e o mal. Estudo sobre a perversão social. São Paulo: Fósforo, 2022.

CARDOZO, Jacimara Ribeiro Merizio. **Guerra e caminho em rede para uma retórica da ação**: uma análise cognitivo-discursiva de pronunciamentos acerca da gestão da pandemia da Covid-19 no Espírito Santo. Tese de doutorado apresentação do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes: 2024.

CARNEIRO, Monica Fontenelle. **Emergência de Metáforas Sistemáticas na Fala de Mulheres Vítimas Diretas de Violência Doméstica**: uma análise cognitivo-discursiva. 425 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

CHARTERIS-BLACK, J. **Politicians and Rhetoric**. London: Palgrave, 2005

CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus approaches to critical metaphor analysis**. New York: Palgrave, 2004.

DAMÁSIO, António. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DAMÁSIO, António. **Sentir e saber**. As origens da consciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ECO, Umberto. **Da árvore ao labirinto**: estudos históricos sobre o signo e a interpretação. Trad. Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Record, 2013

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GOATLY, Andrew. **Washing the Brain**: Metaphor and Hidden Ideology. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam, Philadelphia, 2007

GOATLY, Andrew. **Metaphor and ideology**. Ilha do Desterro, Florianópolis, n. 53, p.63-93, jul./dez. 2007 (b). Disponível em: < www.periodicos.ufsc.br>. Acesso em: 28 jul. 2023

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na Cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

hooks, bel. **Tudo sobre o amor**. Novas perspectivas. São Paulo: Sextante, 2021.

hooks, bel. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017 [1994]

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor and Emotion**: Language, Culture, and Body in Human Feeling. New York: Cambridge University Press, 2000

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução por Grupo GEIM. Campinas/São Paulo: EDUC/Mercado de Letras, 2002 [1980].

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Originally published: Chicago:

University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh**: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things**: what categories reveal about the Mind. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. **Thinking Points**: Communicating Our American Values and Vision, 2006

MORRISON, Toni. **A fonte da autoestima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

POSSATTI, Neusa Maria Jordem Almança Possatti (coordenadora Editorial). **Cartas a Maria da Penha**. Vitória/ES: Editora Jordem, 2022

SALGADO, Patricia Teles Alvaro & SOUSA, Maria do Socorro Almeida de. Do século XVI ao XXI. **As metáforas cognitivas e culturais da relação de gênero**: uma análise de padrões mentais e históricos a partir do estudo de obras da literatura brasileira. Libro de actas del I Congreso Internacional de Literatura Brasileña. Nélica Piñon en la República de los Sueños. Página 433. ISBN: 978-84-124371-5-7. Salamanca, 2018.
<https://cebusal.es/wp-content/uploads/2022/02/COLIBRAActasNelidaPinon.pdf>

SALGADO, Patricia Teles Alvaro. **Ações afirmativas e inclusão da diversidade de gênero**: uma experiência de educação emancipatória cognitivo-afetiva na EJA-EPT/IFRJ/Brasil. Ebook VIII Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra, Portugal, 2023. Página 378. Volume 8. Campinas / Jundiaí: Brasília / Edições Brasil, 2023. ISBN: 978-65-5104-056-6.
https://www.cidhcoimbra.com/files/uq/8f3de9_3d52f26c597d4d27b0d8e41ef3e73464.pdf

SALGADO, Patricia Teles Alvaro. **Educação, Trabalho e Direitos Humanos**: padrões cognitivos e culturais nos arranjos das desigualdades de gênero. Ebook VIII Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra, Portugal, 2023. Página 444. Volume 9. Campinas / Jundiaí: Brasília / Edições Brasil, 2024. ISBN: 978-65-5104-083-2.
https://www.cidhcoimbra.com/files/uq/8f3de9_d9f17058c08749e1839c322c10f9dbae.pdf